
ARTIGO

HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA: Intercomunicação Conceitual E Produção De Conhecimento

João Pinto Furtado

Discussão acerca das possibilidades de trabalho interdisciplinar que envolva Antropologia e História, tomando como referência o tratamento dado à questão por algumas obras-chave, de autores notadamente marcados pela Antropologia Social Inglesa e pelo Estruturalismo Francês, e as tensões resultantes de tal cotejo.

A questão da interdisciplinaridade das diversas áreas do conhecimento em ciências sociais vem sendo rediscutida, no sentido de se buscar maior interação, sem que, no entanto, se perca a identidade das áreas em contato. Tal é o caso da História, que tem demonstrado particular capacidade de transitar entre as demais áreas do conhecimento, tomando de empréstimo categorias, conceitos e até mesmo construções teóricas globais.

Um dos objetos centrais de nossas preocupações é a reflexão sobre esse movimento teórico e suas implicações no processo de produção do conhecimento. Sendo assim, procuramos estabelecer uma problemática que oriente a reflexão proposta e dê a real dimensão de suas possibilidades. Nesse sentido, admitindo que a História é a matriz de nosso campo teórico-conceitual, procuraremos determinar em que medida a produção de conhecimento histórico tem incorporado o aparato conceitual antropológico. Para esse procedimento, nós nos propomos tomar como referência determinada vertente da produção historiográfica que nos parece extremamente receptiva ao pensamento antropológico. Trata-se da história social inglesa, que encontra em Thompson a melhor expressão das concepções que nos

orientam. Nossa discussão há que tomar, portanto, o trabalho do referido autor como representativo daquela vertente historiográfica e fazer dele nosso interlocutor privilegiado. Nesta proposta está implícita também a idéia de que a intercomunicação conceitual entre História e Antropologia é um recorte, entre os vários possíveis, para se discutir o processo de produção do conhecimento em conexão com a interdisciplinaridade, o que não implica prejuízo de outros procedimentos.

A discussão proposta estará centrada em duas perspectivas de abordagem, necessárias e complementares. Na primeira, procurar-se-á discutir, em termos mais gerais, a questão da história social em conexão com a Antropologia e o Marxismo. Tal procedimento se justifica porque são essas três dimensões que informam a concepção de História em Thompson. Com isso, impõe-se uma discussão, ainda que breve, da produção intelectual de algumas escolas de pensamento, notadamente a Escola dos Annales, o Marxismo, a Antropologia Inglesa e, numa certa medida, o Estruturalismo e sua inserção no contexto da produção acadêmica do século XX.

Na segunda perspectiva, o que se propõe é a busca dos elementos teóricos da Antropologia, presente explícita ou implicitamente na obra de Thompson. Acreditamos que a obra do referido autor representa excelente exercício intelectual em relação à discussão que nos interessa e que se insere na perspectiva de uma "história antropológica" onde o tema da cultura ganha destaque. Nessa perspectiva, temos, portanto, o recurso direto à obra de Thompson, com o objetivo de abstrair sua dimensão antropológica e discuti-la. Para os fins a que nos propomos, acreditamos ser suficiente o estudo de dois textos. Inicialmente, *A Formação da Classe Operária Inglesa*¹, que analisa o processo de constituição da classe operária, buscando resgatar, para além da dimensão estrutural, a dimensão cultural do processo. A seguir, *A Miséria da Teoria*², onde Thompson polemiza com Althusser e seus seguidores, buscando reestabelecer o papel da investigação empírica no processo de conhecimento e resgatar o papel do sujeito na história. A obra *Tradicion, Revuelta y Consciencia de Clase*³, coletânea de estudos sobre o século XVIII na Inglaterra, onde discute a metodologia de trabalho e, em paralelo, a dimensão cultural de determinadas formações históricas, servirá como texto de apoio, não diretamente abordada.

1- THOMPSON, E.P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987 (3 vol.).

2- Idem, *A Miséria da Teoria*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

3- Idem, *Tradicion, Revuelta y Consciencia de Clase*. Barcelona, Crítica, 1984.

Delimitados os marcos centrais, passemos à discussão propriamente dita. Se é possível falar em fator de unificação das correntes de pensamento citadas, para a primeira perspectiva de abordagem, acreditamos que a noção de totalidade é o ponto de contato, a conexão possível. Isso não significa que a referida noção seja concebida de maneira uniforme ou inequívoca por elas. O que se afirma é que a realidade é concebida por todas como uma totalidade plena de determinações e que não se podem entender as partes desvinculadas do todo. Entretanto, a maneira como se organiza teoricamente a realidade e a conexão teórica que informa a relação entre as partes e o todo, variam segundo as várias escolas citadas.

A noção de totalidade, enquanto expressão de que a sociedade se constitui como um todo articulado sistematicamente, é um dos pontos centrais na produção historiográfica da Escola dos Annales, no início do século. Com isso, a noção de "História Total" está relacionada à percepção de que nenhuma manifestação da vida humana se apresenta desvinculada do contexto que a gerou. Cada fenômeno social deve ser concebido como um problema, sempre em relação a seu contexto gerador e, tensionando criticamente o conhecimento produzido. Tal preocupação pode ser percebida principalmente nos trabalhos de Lucien Febvre⁴ e Marc Bloch.⁵ Depois, perceber-se-á preocupação maior com as questões referentes ao tempo e ao espaço. Nesse momento, já se destaca Fernand Braudel⁶ e suas observações referentes à longa duração. Em etapa posterior, a Nova História vai demonstrar grande preocupação com as possibilidades de ampliar seu objeto de estudo, incorporando áreas e temas até então mais ligados a outras tradições intelectuais.

A Nova História vai constituir, num certo sentido, um dos "interlocutores" da tradição do estruturalismo antropológico francês, na medida em que parece haver um núcleo comum de preocupações. Isso pode ser afirmado com a constatação de que existe preocupação acentuada na busca de uma ordem estrutural nos trabalhos de Lévi-Strauss, seu criador e maior expoente, preocupação também presente nos estudos de Fernand Braudel sobre a longa duração, onde, por assim

4- FEBVRE, Lucien. *Combates por la História*. Barcelona, Ariso, 1975.

5- BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Lisboa, Europa-América, 1976.

6- BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. São Paulo, Perspectiva, 1978; *El Mediterraneo y el Mundo Mediterraneo en la Época de Filipe II*. México, Fondo de Cultura Económica, 1965. Ver também, *História e Ciências Sociais*. Lisboa, Presença, 1982.

dizer, temos uma noção de tempo estrutural. Assim, a idéia de permanência, afastada pela tradição marxista, é reafirmada por Braudel e por Lévi-Strauss, embora em contextos diferentes, ao trabalharem a noção de estrutura. Assim, em Braudel, temos:

*"Imaginal uma muito diversa massa de 'bens' de traços culturais, a forma, o material das casas, seu teto, como um tal tipo de flecha empenada, um dialeto, gostos culinários, uma técnica particular, uma forma de amar, ou a bússola, a prensa do impressor (...) A frequência destes traços num área precisa são os primeiros sinais de uma coerência cultural. Se a esta coerência no espaço, acrescenta-se uma permanência no tempo, chamo de civilização ou cultura o conjunto, o total do repertório (...) Entre os domínios da civilização estabelece um perpétuo jogo de trocas de bens culturais. Pois estes viajam por vias às vezes muito longas e completamente imprevisíveis. A civilização aceita-os ou recusa-os e se afirma através da própria escolha a que procede no âmago dos elementos da cultura que lhe são propostos."*⁷

Inscrita na longa duração (tempo estrutural), a civilização inscreve-se também num espaço cultural, constituindo uma totalidade, a qual não se modifica a não ser também na longa duração.

Se, em Braudel, a troca de bens culturais é constituída por uma dada configuração de civilizações, em Lévi-Strauss, o próprio princípio da troca é constitutivo da estrutura e, por sua vez, elemento de permanência. É o que se percebe nas "estruturas elementares do parentesco"⁸ que são definidas a partir do princípio da reciprocidade. Na obra em questão, Lévi-Strauss constrói um raciocínio onde, reafirmando a noção de "fato social total" elaborada por Mauss⁹, procura estudar as regras de parentesco a partir de uma dimensão total. Segundo o autor, o princípio da reciprocidade visa a transformar parentes em parceiros,

7- Extraído da Encyclopédia Française, T. XX e citado por GLENISSON, Jean. Iniciação aos Estudos Históricos. São Paulo, Difel, 1979, pp. 236-37.

8- LÉVI-STRAUSS, Claude. As Estruturas Elementares do Parentesco. Petrópolis, Vozes, 1982.

9- Vide MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva. In: Sociologia e Antropologia. Vol. II. São Paulo, E.P.U./EDUSP, 1974.

criando um compromisso que institui as alianças. A troca, nas sociedades primitivas, transcende uma expressão meramente econômica para adquirir sentido total, dotado de significação social, religiosa, econômica, mágica, jurídica e sentimental. Explica Lévi-Strauss: "A troca, fenômeno total, é primeiramente uma troca total, compreendendo o alimento, os objetos e os bens mais preciosos, as mulheres."¹⁰ A instituição das regras de parentesco situa-se na passagem do mundo natural para o mundo cultural. A troca apresenta um sentido cultural, decorrendo disso que a passagem da natureza à cultura não é histórica e, sim, estrutural, reproduzindo-se continuamente. Nesse sentido, percebe-se um distanciamento das proposições braudelianas. Se em Braudel, a cultura é, de certa forma, uma extensão do meio natural e geográfico, em Lévi-Strauss a cultura é definida por oposição à natureza, instituindo limites às determinações da mesma. Percebe-se, portanto, em relação ao contraponto entre Lévi-Strauss e Braudel que, embora partindo de um núcleo comum de preocupações, eles chegam a conclusões opostas, embora nem sempre auto-excludentes do ponto de vista metodológico, uma vez que o "percurso intelectual" que levou a elas é ilustrativo das "lógicas" inerentes às duas áreas do conhecimento.

Acreditando que a oposição entre os dois autores sintetiza, de certa maneira, para os fins a que nos propomos, o diálogo Nova História/Estruturalismo, podemos afirmar que a grande contribuição do estruturalismo lévi-straussiano à História, a nosso ver, reside na atualização da noção de "fato social total" de Mauss, contextualizada numa dimensão estrutural. Para o conhecimento histórico, tal conceito pode redundar em grande utilidade na medida em que permite integração entre análises de nível "micro" e nível "macro", uma vez que prevê que um fenômeno particular pode sintetizar categorias universais em sua expressão mais simbólica. A utilidade cresce na proporção direta da constatação da vacuidade dos esforços empreendidos até então. Ao abrir novas possibilidades de reflexão, a abordagem da perspectiva lévi-straussiana sugere que é possível a incorporação de determinadas categorias do estruturalismo sem implicar leitura necessariamente estruturalista do processo histórico, o que não corresponderia às nossas posições.

Uma outra possibilidade de reflexão bastante enriquecedora aberta pela perspectiva estruturalista reside na tematização da arte como forma de conhecimento (embora acreditemos ser difícil levar esta observação às últimas

10- LÉVI-STRAUSS, Claude. Op. cit., p. 100.

consequências) e na desmistificação do processo de produção do conhecimento como expressão unicamente de uma postura dita científica. Esse ponto deverá ser abordado com mais detalhe, ao discutirmos a obra de Thompson.

Dando prosseguimento à discussão, veremos agora a questão da Antropologia Anglo-Saxônica e suas principais manifestações no que concerne à proposta de trabalho da História. A Escola Britânica não será aqui analisada em bloco. O que se propõe é o estudo da proposta metodológica de Malinowski em relação à pesquisa participante e do trabalho de Evans-Pritchard. Acredita-se que os dois autores representam uma síntese do desenvolvimento da antropologia britânica. Daí discuti-los como representativos da tradição que informou a proposta da História Social Inglesa. A princípio, deve-se destacar, como um ponto relevante, a tradição da pesquisa empírica na cultura anglo-saxônica, tradição que remonta a Bacon. Num certo sentido, não é fortuito ou obra do acaso uma proposta, como a da pesquisa participante, ter surgido e atingido sua maior expressão naquele cenário. A proposta teórica de Malinowski¹¹ enquadra-se, portanto, na tradição que a precede, embora não necessariamente no plano da Antropologia, representando uma tentativa de definição científica da Etnografia em paralelo à apresentação das linhas gerais da pesquisa participante, no tocante à questão do método, da construção do objeto e do "envolvimento" do pesquisador.

A questão do método e da construção do objeto, na perspectiva de Malinowski, são por demais conhecidas e dispensam maiores comentários. O que gostaríamos de discutir é uma ordem de problemas referentes ao "envolvimento" do pesquisador, que se deve deixar "impregnar" por seu objeto de estudo. O ponto fulcral da pesquisa participante encontra-se aí. É só mediante a compreensão dessa proposta que se pode compreender o real significado da afirmação do cotidiano como fonte de conhecimento. A partir destes procedimentos pode-se chegar ao objetivo final do etnógrafo: "Apreender o ponto de vista do nativo, sua relação com a vida, compreender sua visão do seu mundo."¹²

Esse último comentário remete-nos a um tema diretamente ligado à História e suas indagações. A Antropologia é comumente vista como a busca da alteridade,

11- A discussão será mais concentrada nas colocações explicitadas em Malinowski, Bronislaw, *Objeto, Método e Alcance desta Pesquisa*. In: GUIMARÃES, Alba Z. (org.). *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1980.

12- MALINOWSKI, Bronislaw. Op. cit., pp. 60-61.

do "olhar sobre o outro". A proposta de Malinowski relativiza tal afirmação, sendo que o lugar ocupado pela observação participante sugere a possibilidade do "olhar sobre si mesmo". Isso porque o antropólogo, ao se imiscuir na vida da comunidade que se pretende pesquisar e ao estabelecer o cotidiano como fonte de conhecimento, acaba por absorver também as categorias de entendimento do nativo. O "olhar sobre si mesmo" surge à medida que o pesquisador incorpora a lógica do processo cognitivo de seu objeto. Supõe-se, então, que o objeto de estudo transmuta-se em objeto de conhecimento. Mas se essa constatação exerce certo fascínio sobre o historiador, induz ao levantamento de novos problemas dela decorrentes.

O suposto de que o conhecimento histórico deve estar necessariamente vinculado à prática social, como objeto de estudo ou como resultado dela, é um dos temas mais presentes na historiografia contemporânea. Para além do reconhecimento das possibilidades de análise, devem-se ter em mente os perigos da "hiperempíria" ou de suas variantes.

A discussão que se prenuncia pode ser ainda aprofundada através da obra de Evans Pritchard¹³. Também situado na corrente da Antropologia Inglesa, dá continuidade à linha de teóricos do trabalho de campo da tradição anglo-saxônica. No trabalho do referido autor, nota-se, como primeira contribuição relevante, a ascensão do tema da política como objeto de estudo. Tal perspectiva se justifica porque, em Evans-Pritchard, mais que em Malinowski, a noção de totalidade é muito forte e não se concebe a cultura em desconexão com a sociedade. Qualquer categoria de entendimento só adquire seu significado pleno à luz da totalidade que a envolve. Perceber-se-á, mais tarde, que boa parte dessas concepções estão presentes na análise da formação da classe operária empreendida por Thompson. Em contraposição a Radcliffe-Brown, para quem o objetivo da Antropologia é criar leis gerais do desenvolvimento¹⁴, Evans-Pritchard recoloca a História no centro das preocupações do antropólogo. A Antropologia é quase concebida como uma "História Social". O contexto teórico parece representar um "grande salto", no sentido de maior aproximação com a temática mais contemporânea da História.

13- As principais posições do autor citado encontram-se em EVANS-PRITCHARD, E.E. *Los Nuers*. Barcelona, Anagnara, 1977 e EVANS-PRITCHARD, E.E. *Antropologia Social*. In: GUIMARÃES, Alba Z., op. cit.

14- RADCLIFFE-BROWN. *O método comparativo em Antropologia Social*. In: GUIMARÃES, Alba Z., op. cit.

Em seu trabalho sobre os nuers, Evans-Pritchard, estudando a organização social daquele grupo, fornece-nos uma série de sugestões interessantes no estudo das sociedades "primitivas", assim como a aplicabilidade desses procedimentos analíticos à análise propriamente histórica. O autor procura perceber a formação de conceitos e estruturas comportamentais, através do estudo da relação Homem-Natureza em conexão com a atribuição de lugares estruturais e com a atribuição de um caráter historicamente relativo a todos os conceitos. A concepção de tempo dos nuers, percebida em seus fundamentos sócio-históricos e na vinculação ao processo produtivo, é particularmente rica em nossa reflexão, pois demonstra que o antropólogo (e/ou o historiador) deve estar apto a fazer sempre uma "arqueologia" dos conceitos com os quais trabalha. Dessa maneira, é interessante notar como o trabalho intelectual, desde que previamente instruído pela teoria, encontra no objeto de estudo os parâmetros que induzem sua própria configuração. O raciocínio é acompanhado "pari-passo" pelo leitor, enquanto Evans-Pritchard vai evidenciando seu percurso analítico, aparecendo-nos como expressão amadurecida da tradição inglesa de valorização da pesquisa empírica aplicada à Antropologia. Tal reflexão faz-se útil ao conhecimento histórico, uma vez que é admitida a possibilidade de um tratamento antropológico, ou provido de categorias antropológicas, à História (sem que isso implique a adoção de postura "empirista", como se verá a seguir). Assim, parece cumprir-se, na História Social Inglesa, uma das reivindicações mais prementes da historiografia contemporânea, a de um trabalho interdisciplinar, especialmente dedicado ao tema da cultura, sem perder de vista a dimensão historicamente dada ao fenômeno cultural.

A seguir passa-se ao terceiro "interlocutor" da História Social Inglesa, o Marxismo. Cabe, a princípio, ressaltar que a discussão proposta não passa necessariamente pela questão do simbólico ou de uma potencial dimensão simbólica presente no Marxismo, tal como propõe Sahlins.¹⁵ Do ponto de vista da História Social, a discussão teórica desloca-se da questão do simbólico para a pesquisa empírica. Dessa maneira, procura-se refletir sobre nova possibilidade, visão alternativa das potencialidades de uma Antropologia Marxista ou, pelo menos, do uso de categorias antropológicas.

Com a discussão que ora se inicia, começamos também a aprofundar a segunda perspectiva daquelas a que nos referíamos no início do presente trabalho,

15- A este respeito, SAHLINS, Marshall. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

ou seja, a análise dos elementos teórico-conceituais e a presença da Antropologia na obra de Thompson. O diálogo do referido autor com o Materialismo Histórico e sua aplicação vai espelhar, de certa maneira, a problemática central desenvolvida até aqui. Nele estão presentes, a um só tempo, a crítica ao Estruturalismo "*stricto sensu*" e ao não-reconhecimento da dimensão historicamente dada dos conceitos e categorias marxistas. Na discussão a que se procederá, serão vistas, agora do ponto de vista da História Social, as questões do papel da pesquisa empírica em conexão com a noção de totalidade e das possibilidades de interdisciplinaridade na produção do conhecimento.

Ao fazer um balanço da prática do Materialismo Histórico, comprova-se inicialmente, grande proliferação de teóricos e obras que se dizem tributários do Marxismo. O que chama, no entanto, a atenção, à primeira vista, é um certo negligenciamento da pesquisa empírica, como componente necessário do conhecimento histórico. Dessa maneira, grandes sínteses globais e produções ligadas a discussões teórico-conceituais têm sido a marca distintiva da produção acadêmica, nos termos de uma historiografia marxista contemporânea. A despeito da chamada "crise do marxismo" e da "derrocada" de sua positividade paradigmática, pode-se perceber, em linhas gerais, um certo recrudescimento da discussão em torno do Marxismo.¹⁶ Uma das características distintivas dessa produção historiográfica tem sido a existência de concepção particular de totalidade, onde a estrutura econômica se torna, por assim dizer, um "*passé partout*", que explica todas as manifestações da vida humana, em suas mais diversas esferas, que ganham caráter crescentemente periférico. O econômico, além de ser sempre determinante, passa a ser um *Deus ex machina*, que tudo preside. É negado ao homem o papel de sujeito da história (seja como indivíduo, seja como classe). A estrutura, no Marxismo assim concebido, ganha conteúdo maquínico, mecanicista, sendo vista como o motor da História.

Ao falar em uma noção particular de totalidade, como foi dito acima, somos induzidos a promover uma reflexão sobre a questão da pesquisa empírica. O panorama da historiografia marxista descrito acima não se apresenta como um todo monolítico. É na tradição da pesquisa empírica inglesa que, a nosso ver, se desenvolve a auto-crítica mais conseqüente do materialismo histórico. A escola

16- Embora não compartilhem de muitas de suas colocações, sugerimos uma visão panorâmica da chamada crise do marxismo, em ANDERSON, Perry. *A Crise da Crise do Marxismo*. São Paulo, Brasiliense, 1977.

historiográfica inglesa, além de dar continuidade aos procedimentos da pesquisa, foi responsável pelo revigoramento teórico-conceitual que ocorreu nos últimos tempos. A experiência concreta, transmutada em instrumento heurístico, acaba por evidenciar a necessidade do diálogo teoria/praxis ou conceito/realidade, no sentido de alargar a própria noção de totalidade, tornando-a permeável às mais diversas manifestações da vida humana. Assim, temos em Thompson¹⁷:

"Ocorrem mudanças no ser social que dão origem à experiência modificada; e essa experiência é determinante, no sentido de que exerce pressões sobre a consciência social existente, propõe novas questões e proporciona grande parte do material sobre o qual se desenvolvem os exercícios intelectuais mais elaborados. A experiência, ao que se supõe, constitui uma parte da matéria-prima oferecida aos processos do discurso científico da demonstração (...) Fora dos recintos da universidade, outro tipo de produção de conhecimento se processa o tempo todo. Concordo em que nem sempre é rigoroso (...). Mas devo lembrar que conhecimentos se formaram, e ainda se formam, fora dos procedimentos acadêmicos, ajudaram homens e mulheres a trabalhar os campos, a construir casas, manter complicadas organizações sociais, e mesmo, ocasionalmente, a questionar eficazmente as conclusões do pensamento acadêmico." (grifos nossos)

A longa citação justifica-se por sua relevância. Através dela, articula-se o conjunto de questões levantadas anteriormente acerca da questão do conhecimento. O "Pensamento Selvagem" de Lévi-Strauss e o resgate do conhecimento do "Primitivo" (A "Ciência Primeira"), a tematização da arte como forma do conhecimento, a observação participante de Malinowski e a produção de conceitos a partir dos conceitos nuer de Evans-Pritchard remetem-nos ao papel da Antropologia, relativizando e redimensionando a idéia de totalidade e de conhecimento e inscrevendo nessa última outras dimensões, notadamente em relação ao tema da cultura popular. É nesse ponto que se percebe mais claramente a questão da interdisciplinaridade. Diz Thompson:

"A pátria da teoria marxista continua onde sempre esteve, no objeto humano real, em todas as suas manifestações; objeto que, no

17- THOMPSON, E.P. A Miséria da Teoria. Op. cit., pp. 16 e 17.

entanto, não pode ser conhecido num só golpe de vista teórico, mas apenas através de disciplinas separadas, informadas por conceitos unitários. Estas disciplinas ou práticas se encontram em suas fronteiras, trocam conceitos, discutem e corrigem-se mutuamente os erros."¹⁸

É dentro dessa filosofia que a historiografia marxista contemporânea tem procurado "se abrir" às demais áreas do conhecimento. E é também segundo esses princípios que se deve entender o recurso à Antropologia, numa obra como *A Formação da Classe Operária Inglesa*, que procura captar, à luz da própria experiência, a formação da classe operária, entendida como produto de uma dada configuração histórica, que lhe confere dimensão cultural que transcende uma visão meramente utilitária. A noção de classe surge, portanto, como uma formação histórica autodefinidora, que homens e mulheres elaboram à luz de sua própria experiência de luta. A classe deve ser apreendida, analiticamente, como "fazer-se" em suas múltiplas expressões, política, econômica e cultural, em suma, à luz de uma noção de totalidade complexa, onde o sujeito da história exerce seu papel.

A Formação da Classe Operária Inglesa é uma obra que busca a história de uma experiência e de uma cultura popular, sendo que Thompson afirma o seguinte:

*"A classe acontece quando os homens, como resultado de experiências comuns, sentem e articulam a identificação de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem dos seus."*¹⁹ (grifos nossos)

A obra em questão procura investigar a constituição da classe operária, partindo da análise dos fenômenos até então inusitados. Nesse sentido, analisa a conjunção do metodismo, dos motins e das sociedades secretas, como representativa de uma primeira formação de organização da classe trabalhadora. A cultura operária contamina as mais diversas esferas da vida social. Um trecho remete-nos à idéia de "fato social total":

"O fato relevante do período entre 1790 e 1830 é a formação da classe operária (...) Havia instituições da classe operária

18- THOMPSON, E.P. *A Miséria da Teoria*. Op. cit., p. 55.

19- Idem, *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Op. cit., p. 10, V. 1.

solidamente fundadas e auto-conscientes - sindicatos, movimentos religiosos e educativos, organizações políticas e periódicos, tradições intelectuais, padrões comunitários. O fazer-se da classe operária é um fato tanto da história política e cultural quanto da econômica."²⁰

Sem perder de vista o contexto estrutural da economia, na qual se gesta a classe operária, Thompson amplia o campo de análise em busca da problemática da totalidade. O metodismo ganha uma dimensão organizacional e comunitária para os trabalhadores, reforçando a tradição de vida comunitária já presente na realidade inglesa do século XVIII. A ampliação temática e conceitual decorrente acaba por redimensionar o papel da cultura, como definidora de contextos históricos, com o que nos aproximamos ainda mais da perspectiva antropológica.

As sociedades de auxílio mútuo, fruto da consciência comunitária, fazem-nos lembrar novamente Mauss e Lévi-Strauss, embora num contexto diferente. Mesmo quando organizadas clandestinamente, as sociedades de auxílio mútuo proliferavam em larga escala no período 1790/1830. Não provinham de uma idéia e sim surgiam em resposta a certas experiências comuns. Representavam a cristalização de um caráter de reciprocidade fortemente difundido na cultura e tradição comunitárias britânicas. Os valores coletivistas, contaminados pela cultura operária e fortemente associados ao princípio da reciprocidade, distinguem, por seu caráter formativo, a classe operária do século XIX da plebe do século XVII. Percebe-se um paralelo entre estas colocações e os princípios constitutivos das organizações operárias de tradição menos paternalista e mais combativas (também mais clandestinas).

Em suma, longe de referir-se a um contexto macro-econômico, exclusivamente, as colocações de Thompson procuram, através do recurso ao estudo da cultura e a um referencial antropológico, compreender de que maneira os trabalhadores teceram, na mais profunda clandestinidade (devido à repressão), os contornos de sua consciência de classe, entendida aqui como processo necessariamente marcado pela incompletude e pelo "fazer-se". O recurso ao estudo das instituições e dessa "cultura subterrânea" passa necessariamente pela Antropologia e pela questão do conhecimento. Só admitindo a possibilidade de que os trabalhadores, no seu "fazer-se", enquanto classe, também produzem o próprio

20. THOMPSON, E.P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Op. cit., p. 17, V. II.

conceito de classe, ou seja, uma forma de conhecimento sobre si mesmo que não pode ser simplesmente descartado, podemos compreender o significado da proposta thompsoniana. A partir dessa constatação, podemos perceber em que medida a proposta é, em parte, tributária da Antropologia Inglesa, em seus pressupostos teórico-metodológicos, e em que medida há convergência de similitudes nas obras dos vários teóricos citados, em função do que se desvela de seus próprios objetos de estudo.

Como comentário final, acreditamos ter levantado mais problemas a partir dos já apresentados e avançando para uma discussão que naturalmente não se esgota aqui, gostaríamos de deixar em aberto outra possibilidade de reflexão. Trata-se da rediscussão do que vem a ser a relação sujeito-objeto e de quais seriam as relações entre essas duas instâncias de conhecimento. É um dos objetivos de "uma historiografia que se propõe oferecer uma imagem rica do homem, do homem inteiro, desde sua luta pela subsistência até as manifestações mais elevadas de sua cultura."

Foi deixada temporariamente de lado essa possibilidade de reflexão que tem sido trazida à luz em discussões mais recentes. não obstante ao reconhecimento de sua centralidade, optou-se por apenas sugerir-la, já que não se poderia levar a termo uma discussão conseqüente a respeito do assunto, nos limites do presente texto. Tal reflexão gira em torno da questão da alteridade e suas relações com o processo cognitivo. O que se poderia chamar, na Antropologia, de "o mergulho sobre o outro", tem sido visto pela historiografia como uma nova linha de pesquisa, das mais promissoras. A esse respeito, numa perspectiva epistemológica, o trabalho de Paul Veyne²¹ representa a abertura de uma potencialidade de discussão (a nosso ver, ainda não devidamente explorada), sobretudo a partir do caráter polêmico e provocativo de suas colocações. Deixamos em aberto a possibilidade dessa reflexão à luz da problemática levantada anteriormente, tarefa à qual a historiografia não pode se furtar.

21- A este respeito, ver principalmente as proposições enunciadas em VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*. Lisboa, Edições 70, 1987.